



VIVA O  
TEMPO!



Biografias & Profecias  
eternizando memórias. inspirando histórias

### Produção

Biografias & Profecias  
[www.biografiaseprofecias.com.br](http://www.biografiaseprofecias.com.br)

### Edição

Regina Rapacci Magalhães

### Texto

Fred Linardi

### Revisão

Frederico Boldrin Ferracioli

### Projeto Gráfico e Diagramação

Mara Débora



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP  
L735 Linardi, Fred.  
Temos 18 anos! / Fred Linardi. - São Paulo: Biografias e Profecias, 2015.  
8 p.; il.  
ISBN 978-85-65004-09-1  
1. Arte Circense. 2. Circo. 3. Circo Navegador. 4. História do Circo Navegador. 5. Espetáculo Circense. I. Título.  
CDU 792.7  
CDD 790  
Catalogação elaborada por Ruth Simão Paulino

# Dezoito anos!

A caminhada foi tão longa quanto é preciso remar para chegar ao horizonte desenhado pelo mar. Mas olha só: quase de uma hora para outra já temos 18 anos! Não é brincadeira de palhaço, nem truque de mágico ou o encantamento do trapezista com toda sua habilidade. De repente, conquistamos nossa maioridade!

Se o lema que nos acompanha é a **ausência de fronteiras**, podemos dizer que alcançamos o feito. Às vezes com um pouco de dificuldade, outras vezes com um tantão. É que criar um espetáculo circense dá um trabalhão. Mas isso não é tudo, pois o circo pede constante atenção! Existe uma estrutura muito grande por trás que precisa estar sempre em ordem para que tudo funcione. Pense conosco: já viu um circo que fica sempre no mesmo lugar?

O Circo Navegador já esteve em locais que mal poderia imaginar quando, em 1997, começou suas primeiras criações. Já se apresentou em cidades grandes, médias e pequenas. Até florestas, praias, para indígenas e caiçaras. Também conquistamos os ares e fomos parar na Argentina e no Chile. Ao longo desses anos foram 15 espetáculos, cada qual com seu traço especial. Mas existem marcos que, para nós, fogem do normal!

Um deles foi em 2004, quando ganhamos nosso primeiro prêmio: Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. Com ele, aprofundamos a pesquisa nas áreas de criação, produção e circulação, além de manter cursos regulares e estudos da linguagem cênica. O resultado foi o espetáculo **Quixotes**, sucesso de público e de crítica (inclusive a internacional), que segue até hoje com mais de 400 apresentações.

Ainda com os recursos do Fomento alimentamos a paixão pela pesquisa do palhaço de circo e de uma matriz cômica brasileira, o que resultou no circo-exposição **Palhaço de Todos os Tempos**. Montado em todas as regiões da cidade de São Paulo, propiciou a democratização do acesso aos bens culturais em comunidades periféricas. Esse projeto tem o tamanho de uma gargalhada. E em 2005, graças ao prêmio Funarte Carequinha, ouviram-se os ecos dos Palhaços de Todos os Tempos no Litoral Norte paulista. O pano de roda – também conhecido como cirquinho “tomara que não chova”, pois não tem cobertura – retrata a história dos mais importantes palhaços brasileiros do século 20.

O ano de 2007 foi também marcante na trajetória dos navegadores. Para comemorar os dez anos de existência, montamos um espetáculo sob a clássica lona com o prêmio Proac para criação de espetáculo de Circo e, logo depois, conseguimos seguir com mais um prêmio, o Funarte Carequinha de manutenção de espetáculo circense. Em 2010 foi a vez de Quixotes voltar à cena paulista com o prêmio Funarte de Ocupação do Teatro Eugênio Kusnet. E em 2013 vieram mais novidades! Depois de voltarmos das apresentações internacionais, ganhamos o Proac para montar o inédito **Notícia pra Embrulhar Peixe**, que também contou com o patrocínio da Petrobrás. E da plateia, aplausos sensacionais!

E então, em 2014 o que nos marcou foi o espetáculo **Cartas**, também montado com recursos do Proac. No finalzinho do ano, conquistamos algo que todo maior de idade começa a sonhar: a própria casa! Mas vamos a uma história de cada vez...



Foto: Raquel Pileggi



Foto: Lillian Baron



Foto: Ana Luíza Freire

Foto: Ana Luíza Freire

# Temos algo a dizer!

Sempre temos! E caso falte alguém para escutar, não precisamos gritar... Podemos escrever cartas! E elas hão de chegar.

Tempos atrás havia um pintor de raro talento e difícil compreensão. Um dos poucos que conseguiu captar suas ideias e valorizar suas obras era seu irmão. O pintor era Vincent Van Gogh e o irmão, Theo – um importante marchand que tentava vender suas telas quando ninguém ainda dava nada por elas. Theo morava em Paris, enquanto Van Gogh, na Provença, sul da França, e correspondiam-se por cartas. Além de seus quadros e cores, Van Gogh acabou deixando profundas mensagens nesses papéis que foram publicados depois de sua morte. Sobre seus textos, nem tudo são cores, mas há muita verdade e humanidade. Tudo isso é combustível da arte, que nos inspira a produzir novas obras.

E como um gole de absinto, foi desses escritos que bebemos para criar o espetáculo **Cartas**, utilizando a linguagem circo-teatro para trazer as inquietações dos artistas por meio de gestos, habilidades circenses e coreográficas como acrobacia, malabarismo, trapézio, tecido, lira e dança. Na trilha sonora, criada exclusivamente para o espetáculo, há desde sons de mantras com suas cítaras até a brasilidade da rabeca, misturada com timbres eletrônicos. E por que não o uso de tinta espirrada no corpo do artista, que ora é criador, ora criatura de sua própria imaginação?

Por trás disso evidenciamos o processo artístico de criação. As alegrias, prazeres e angústias, a capacidade de vivenciar emoções e oferecê-las ao mundo em forma de arte. Além das cartas, fomos conduzidos por ideias que tangenciam o universo do pintor holandês, como o vazio e os vários sentidos da queda.

O espetáculo, dirigido por Roberto Rosa, é fruto de um processo pedagógico e criativo muito específico ao longo das oficinas que visam a profissionalização dos artistas sebastianenses. A pesquisa de uma dramaturgia voltada para circo – bem como a fusão de linguagens com dança, yoga e teatro – resultaram numa manifestação estética genuína.

Modéstia à parte, além da maioridade e da história, alegramo-nos com a importância da arte no mundo e na vida das pessoas. Assim como as cartas, o circo sempre chegou onde pouca informação havia. Em tempos em que sequer existia telefone, cinema, rádio, televisão e Internet, lá estava a lona habitada com toda sua graça, indo até onde o chão levava! Nem mandar sinal de fumaça adiantava.

E nós, que já passamos por parques, palcos, lona, escolas e praças, agora contamos com o nosso próprio espaço de parede e concreto. Para nos apresentar, temos um teto! Entre e fique à vontade...



# A nossa Casa!

Impossível não se lembrar dos Três Porquinhos. Assim como eles, experimentamos várias possibilidades de construção de nossa jornada, colhendo os frutos de cada escolha. Com nossas percepções e habilidades, fomos como personagens dessa e de outras histórias, adequando-os às nossas capacidades.

Da sabedoria da vovó à ingenuidade da Chapeuzinho. Ora o lobo, ora porquinhos: preguiçosos, sonhadores, estrategistas, trabalhadores... Agora, ao sentir a sede pela alvenaria, estamos com uma estrutura suficientemente pequena para caber a grandeza do nosso universo. Nela habitam nossas aulas, as apresentações de nossos espetáculos e de artistas convidados. Tem o depósito, a administração, além de sonhos e criatividade. Estes últimos não precisam de espaço físico, mas encontram um abrigo seguro em nossa cidade!

Por falar em cidade, o **Espaço Cultural Circo Navegador** nos permitirá ir além, pois temos novas perspectivas para aprofundar a investigação cênica, visando nosso próprio desenvolvimento, assim como a qualidade do cenário artístico do Litoral Norte. Ao invés de ficarmos presos, ampliaremos os horizontes e contato com as vanguardas e provocações. Aqui teremos uma programação alternativa às ofertas comuns do poder público ou do mercado comercial da arte.

Não nos levem a mal, mas é preciso haver arte para tudo e todos. Às vezes ficamos bem bravos com algumas coisas que passam na televisão. Não queremos criar desavença, mas há absurdos por lá que não passam de grandes ofensas. Ofensas à nossa capacidade crítica e inteligência. Por isso, temos urgência! Para quem busca algo melhor, estamos de braços abertos. Venham, Marias, Joanas, Pedros e Robertos!

E para o público que vier, gostar e se animar, nossas aulas continuarão de vento em popa. Para os que já são artistas e querem se aprimorar, não pensem duas vezes. Venham praticar, pesquisar e, se tudo der certo, integrar produções futuras e ficar sempre por perto!

Que fique claro: não temos a pretensão de preencher lacunas culturais e sociais desprezadas pelo poder. Apenas oferecemos uma programação a mais, com uma visão de mundo a partir das necessidades dos encontros humanos que o Navegador tanto valoriza. E nada como a arte para trazer essa oportunidade. E isso a história do circo pode provar, com toda a sua ancestralidade.

E se tudo ficar sério demais, não se preocupe. Pois junto das ideias que pensam nossos miolos, há um olhar sensível e o bater do coração que equilibram qualquer vestígio de tensão. Aos trancos e tropeções, o circo sempre contará com ele: uma figura que ganha adultos e crianças. Temos esperança...!

# A consciência de ser!

- Seu palhaço!
- Muito obrigado pelo elogio!



Foto: Sueluz Almeida

Já viu um diálogo como esse? Ele será normal quando percebermos o tamanho do valor contido neste ser especial. Um ser tão excepcional e, por isso, muito complexo.

É verdade que ele pode ser um bobão, uma vítima que é passada para trás. Mas nem sempre e nem com todos os palhaços acontece assim. Muitos deles reverterem a situação e, de uma hora para outra, acabam fazendo o dito esperto de paspalhão. Então, quando alguém, se sentido lesado, ludibriado, derrotado, diz “Estão me fazendo de palhaço!” pode ter até sua razão, mas não percebe que esse ser é muito mais amplo. E mais: é uma entrega quase religiosa.

O palhaço estuda pra errar tão bem de modo que ninguém perceba o ensaio. Curioso não? Uma prática que evidencia o avesso, o descompassado, o incomum. Tem erro de engenheiro, erro de motorista, erro de professor e erro de padeiro. Tem até erro médico, oras! Nem por isso se diz: que engenheirada, motoristada, professorada, padeirada ou medicada. É mais fácil ouvir: que palhaçada! Pode ser pior, o político e suas ações são comumente designados como tal, como se o palhaço fosse um corrupto cara de pau. Chamar o político de palhaço é uma baita injustiça ao profissional do circo, da roda de rua ou de teatro!

Mas calma lá, pois o clima não queremos esquentar. O que queremos é um entendimento: o papel do palhaço, ao contrário do que é dito, nem sempre cumpre aquilo que acreditamos que seja papel de palhaço. Parece difícil, mas é simples. Feche os olhos e lembre-se de Chaplin, ou dos Três Patetas. Também vale pensar no mestre Picolino ou em todos os inesquecíveis palhaços do circo brasileiro, ou então no próprio Chaves. O palhaço pode ser triste, feliz, engraçado, lerdo ou apressado. Seja como for, ele traz para o público uma reflexão, mesmo que não seja assim tão evidente. Eis o ponto de partida para um ser assim, tão diferente.

Mas para quê defender com vigor, se o próprio palhaço Surubim tem tanto a dizer onde quer que esteja com o Circo Navegador:

“O palhaço é a capacidade de escolha, liberdade, empoderamento, autonomia! Seguindo a máxima “só se ri do que se entende”, temos na mão um imenso potencial, quase



Foto: Michiel Rodrigues



Foto: Barbara Futuro

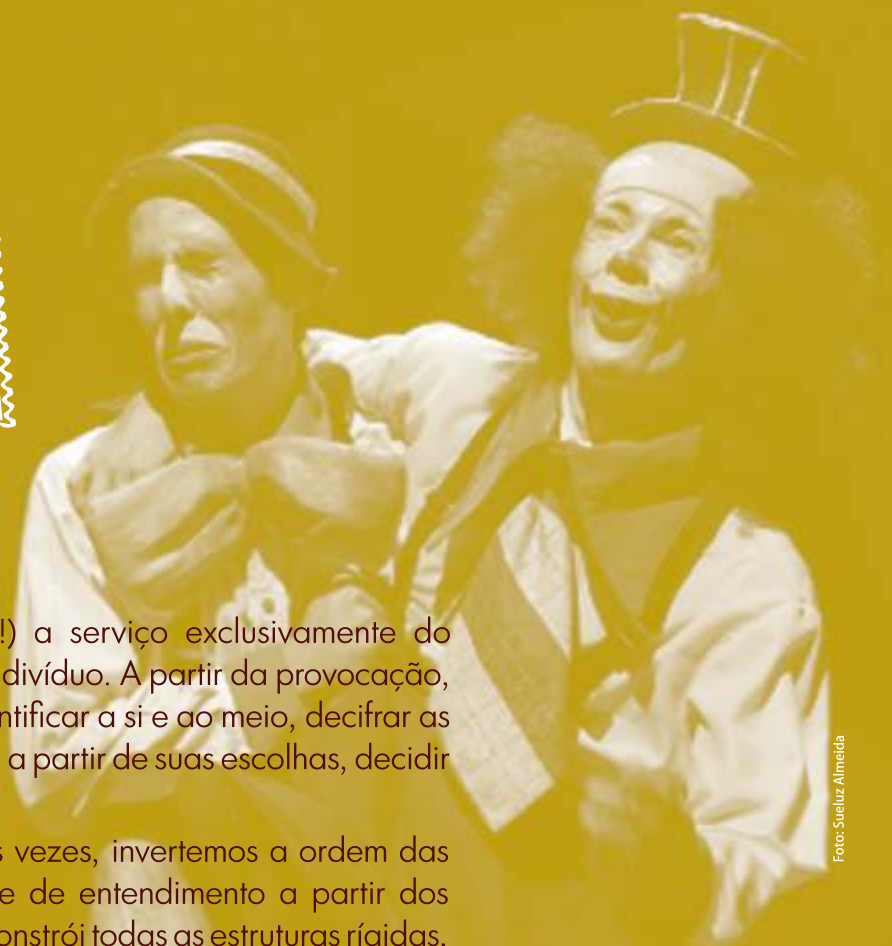


Foto: Sueluz Almeida

pedagógico (mas jamais didático!) a serviço exclusivamente do despertar da consciência de cada indivíduo. A partir da provocação, do jogo e da interlocução, pode identificar a si e ao meio, decifrar as regras e reelaborá-las a seu modo e, a partir de suas escolhas, decidir o modo de vida que lhe convier.

Nós palhaços, na maioria das vezes, invertemos a ordem das coisas para enfatizar a capacidade de entendimento a partir dos opostos. A ótica de um palhaço desconstrói todas as estruturas rígidas, ri de crenças e formas de raciocínio, reorganiza ao avesso, de trás para frente, de cima pra baixo... Em geral, usamos da poética e do lirismo, contrastadas com o burlesco e o grotesco, e nessa gangorra de propostas narrativas, oferecemos ao público inúmeras possibilidades de vivências sensoriais que podem levá-lo ao alcance de “lugares” incomuns na existência, transitando por conceitos, emoções, memórias entre outros “cantinhos” daquilo que chamamos “vida”, “eu”, “humano”, enfim, a arte e o riso têm uma força incomum e podem ser ferramentas de autoconhecimento e de entendimento das estruturas, formações e amarras que compõem as teias sociais.”

Tudo bem, você pode até achar que palhaço não é um elogio, mas é ao menos uma arte e uma profissão – e de muita categoria, diga-se de passagem. E de passagem o palhaço segue – sem passado ou futuro, apenas vivendo o momento presente – o mais importante de sua vida. Nutrindo-se de encontro, levando sua mala com a imensidão do mínimo que ele precisa para gerar uma pequena ou grande revolução.



Foto: Andréia Dobler

“SÓ SE RI  
DO QUE SE  
ENTENDE”

O PALHAÇO É A CAPACIDADE  
DE ESCOLHA, LIBERDADE,  
EMPODERAMENTO E AUTONOMIA!



Foto: Jefferson Palladino



## ***Ficha Técnica***

***Administração:*** Lilian Sayumi

***Assistência de Produção:*** Michel Rodrigues

***Coordenação de Produção:*** Luciano Draetta

***Artistas:*** Alejo Linares, Anderson Rodrigues, Andreia de Almeida,  
Evelin Sabará, Gabriel Draetta, Maria Emília de Andrade e  
Luciano Draetta

***Técnica:*** Valdinei da Silva

***Foto da capa:*** Tahia Michele Renda Macluf

***Agradecimentos:*** Adem Anita, Adriano Cruz, Akito Iwai,  
Alexandre Pestana, Ana Paula Santos, Beto Teixeira, Celso  
Nascimento, Cezar Negro, Dagoberto Feliz, Daniele Farnezi,  
Eduardo Santos, Eloi Rodrigues, Emi Sato, Fabeck Capreri, Fabrício  
Ribeiro de Lima, Felipe Gomide, Fermin Ivorra, Fernando  
Mastrocolla, Janaina Peresan, Juçara Marçal, Julio Ferreira, Juninho  
Capoeira, Lenna Bahule, Marcela Sobral, Márcio Fidelis, Marco  
Sanches, Marichilene Artisevskis, Mário Fernando Bolognesi,  
Maurício Maas, Nina Sena, Priscila Enrique de Oliveira, Renata  
Kamla, Renata Lemes, Renata Pinotti, Rhena de Faria, Ricardo  
Neves, Roberto Rosa, Soledad Perez, Veronica Tamaoki e  
Victor de Seixas.

***Contrate nossas oficinas e espetáculos***

12-3892-2589 ou 12-98832-9382 (Oi) ou 12-98173-4402 (Tim)

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

Ministério da  
Cultura

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Este projeto foi contemplado com o Prêmio Funarte Artes na Rua (Circo, Dança e Teatro) 2013